

UM SHAKESPEARE DA LÍRICA É COMO GEORG RUDOLF LIND TRADUTOR ALEMÃO DE FERNANDO PESSOA CLASSIFICA O POETA

Pese aos inconvenientes de abstracções a simplicidade pragmática do critério, o melhor índice para avaliar o carácter universal de uma criação literária é o da projecção dela para além das fronteiras do idioma original (e a universalidade é, caso, termo excessivo para classificar a integração de um texto do património literário de um número normalmente limitado de culturas, em geral vizinhas pela situação geográfica e filiação na mesma matriz de civilização). Por outro lado, embora se entenda que, neste domínio, mérito e universalidade tendem idealmente para a coincidência —, do mérito do escritor não pode apuzar-se só pela diversidade e quantidade das versões que a sua obra conhece em linguas alheias. Por outras palavras, o mérito implica a universalidade, virtual ou real; mas esta implicação não é recíproca. Enfim, se é pelas traduções que a universalidade do erudito literário se realizza — esta circunstancia autoriza, afizura-se-me a falar imediatamente de uma releição-se então sobre o capitulo da especulação as inevitáveis e delicadas questões da motivação profunda, quasi seja a da radicação da universidade da obra, e da validade dos considerandos grandiosos e intemporais problemas humanos. Foi a propósito de Fernando Pessoa e do processo de universalização real, e não apenas virtual, da poesia do autor de «Tabacaria» vai suscitando, mercê dos seus cada vez mais numerosos (qualificados houve-os sempre) admiradores, que recolhí do dr. Georg Rudolf Lind as

informações adiante reproduzidas. O dr. Lind, que propõe o seu doutoramento em Filologia Românica na Universidade de Colónia, veio ao nosso País, como boteleiro, estudar literatura portuguesa. A elo se ficam a dever as primeiras traduções da poesia de Fernando Pessoa em lingua alemã. Publicou, no jornal suíço «Die Tat», traduções de pequenas poesias ortónimas e heterónimas do nosso grande poeta; traduziu, também, mas não publicou em jornal ou revista, dada a sua extensão, a «Ode Marítima», reservando a sua versão deste poema para uma antologia da obra do poeta, que prepara, e para a qual já interessou um editor alemão. Fala-me: Georg Rudolf Lind de como o interesse a literatura portuguesa deste século, e do como, particularmente, o estudavam nas universidades e multitudes eruditas literárias de Pessoa, que não hesita em classificar de génio. A obra do autor da «Mensagem» (nomeadamente a que ultrapassa os períodos futurista e efim) atribui virtualmente de repercussão europeia, tanto ou mais merecida do que a que já premiou outros poetas portugueses contemporâneos ou já do Pessoa. A propósito, diz: —Boas razões nos levam a supor que a obra de Pessoa poderia alcan-



Dr. Georg Rudolf Lind

car na Alemanha repercussão semelhante à das obras de T. S. Elliot, Ezra Pound, Paul Valéry, etc. Comparando pelo mais exterior: A unidade de quatro ou mesmo cinco personalidades poéticas que, por diversos caminhos, procuram realizar uma expressão poética, terá de fascinar todos os amantes da Poesia. Sabemos que os grandes poetas frequentemente são mistificadores natos (como, por exemplo, o espanhol A Machado; também Goethe; gostava de recitar poesias da sua autoria sob nome estranho). Pessoa, porém, dramatizou, do modo mais consequente, Vida e Arte, tornando-se assim um Shakespeare da Lírica. Além disso, o emparelhamento de Álvaro de Campos é hoje tão actual como há anos — e fornecem o equivalente da grande poesia anglo-americana que serve de modelo aos nossos jovens poetas. Refere-se Georg Rudolf Lind à multivulgar diferenciação de valores poéticos em Álvaro de Campos, Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Pessoa ortónimo; e acrescenta: —Factor decisivo para a repercussão de Pessoa na Alemanha deve ser, segundo o nosso parecer, a grandiosidade trágica que se evidencia, sem afrouçar, através da obra ortónima e heterónima, tendo a sua origem no problema-mor do poeta, tanto humana como artisticamente considerada, problema que o liga a muitos companheiros poetas e filósofos da sua geração em outros países europeus: o espírito que sofre perante e Vida, ou o sofrimento do «eu» espiritual como adversário do alma (Kierke), que, em Pessoa, na região fronteira do emudecimento,

(Continua na 11.ª pag.)

LIVROS NOVOS

«Pedro, Pedro!» O nosso prezado colaborador José Augusto de Vasconcelos e Sá vai publicar, em primeiro livro, um romance intitulado «Pedro, Pedro». «Evolução» Vai ser posto à venda o livro «Evolução» do dr. Rildo Sardoieira, que continua a obra do mesmo autor «A Ordem das Vidas», publicada na Biblioteca Ceacne.

«MÚSICA E PENSAMENTO» DE FIDELINO DE FIGUEIREDO

Pelo Prof. DELFIM SANTOS

Na vasta bibliografia de Fidelino de Figueiredo, mais um livro corrobora a sua qualidade de humanista profundamente humano, mais uma vitória na luta pela expressão dos seus mais íntimos anseios. Música e Pensamento, diálogos mais intrinsecamente unidos, são os dois temas em contraponto, motivos de composição em urdida calma, reflexiva e convincente. Não é a música em erudição de pensamento, mas o pensamento em estele de musica, como o Mestre reclama como empenhamente formativa da personalidade humana como todo um estilo do século. Ante o património musical à disposição do homem, pergunta Fidelino de Figueiredo se é admittivel ainda a promoção do latim a base de educação. Não duvida do influxo fecundo do grego e do latim, pergunta tão somente se há ou não outros meios, «menos laboriosos», «menos arcaicos» de obter os mesmos ou melhores resultados «ser: devocão de casino penitenciário, devido à difícil permeabilidade do adolescente a tal aprendizagem. A resposta surge-nos clara e não só ao latim se aplica, mas a todo o saber de especialização instaurado como cul-

tural geral no currículo ainda vigente. Radica esta grave situação, ao que nos parece, na falta de critério para bem distinguir entre «gerais e especiais», na perda total de sentido do que os medievais chamavam «studium generale», mais tarde erroneamente interpretado como soma, como conjunto de especiais saberes, como enciclopedias preparatórias, em total desconhecimento do outro sentido, etimologicamente confirmado, de «agere» ou «gratizar», base de todos os saberes especiais. Só esta razão explica a antecedência do «studium» ao «quadrivium», e a radical diferenciação entre a cultura geral e saber de especialização. Entendendo «gerais» como vulgarização, não se estranham que o latim faça parte do currículo liceal que o ensino clássico, com as suas habituais adorações mortíferas, como diz Fidelino de Figueiredo, se tem ou mentalmente empobrecidas com sua magra alimentação de sarros históricos, comida de latas de conserva já sem viziamentos. Em vez do latim, propõe Fidelino de Figueiredo que a música seja o «ferro» da formação moral da juventude. Esta sugestão, decerto utópica, abona-se com a citação da pedagogia ateniense. Decerto que são justas as considerações do Autor quanto à urgência de emprestar ao ensino médio um núcleo irradiante de incentivos a partir de uma imagem-força, como já o afirmara em trabalhos anteriores, que polarize os elementos «gerais», ou gerentes, da autentica personalidade sem obsoletos compromissos. Não nos parece que a proposta, para não significar universal «pedagogia de alívio dos tormentos escolares». Outros tormentos surgiriam, sem duvida, tanto mais que Fidelino de Figueiredo, citando os gregos, interpreta musica em sentido moderno, restritivo, e não como conjunto de actividades patrocinadas pelas musas.

É de interesse discutir se na apologia da musica, «como chave do mundo total da civilização», há, ou não, algo de excessivo. Concordo no ponto de partida nem por isso a «sobriedade» exigente de concórdancia. Com a musica seja o «ferro» elementos primordiais susceptíveis (Continua na 11.ª pag.)



Vitor Falcão

(Desenho do dr. Ribeiro Leitão) Vitor Falcão, escritor de personalidade e vemente jornalista nosso colaborador, deu-nos um novo livro: «Espírito em vários tons». As críticas que formam o volume, em que predominam os temas literários e estéticos, apresentam a unidade que lhes advém de assinalado marca de um espírito exigente e inconformista, que se sente ofendido e belto cada a por de uma irreverencia, verdadeiramente juvenil, por quanto é inferior ou inautentico. Este soldado espiritual é servido por um culturo vitor, fruta dos curiosidades e leituras do autor, e por linguagem terna e incisiva. Dos numerosos capitulos, permitimo-nos distinguir, como característicos do espírito do autor, os seguintes: «Espírito», «Crítica e Contra-Crítica», «O boateiro-cidadão do Mundo», «O meu bom Conselho Acácio», «Cesário Verdade e outros incompreendidos», «Em defesa de malinade», «Gloria», «A vida do pintor Manuel Jardim», «Dois maneiras de amar Portugal»

ANTOLOGIA DE REVELAÇÕES

O leitor de contos sabe que eles não são feitos de casos espantosos, de casos incógnitos e maravilhosos, embora também virtualmente, e embora a maior parte dos contistas vá buscar os seus assuntos a casos tão simples que até parece impossível como aquelas paginas afinal têm tanto interesse. Contudo, a ficção não vem do assunto, vem do autor. Este pode ir buscar um caso espantoso ou um caso simples, mas se não tiver dado nada de novo, não é mais do que um caso. «Comerço» por me dizer que o seu caso era simples — e que se chamava Maria... e o velho Eca arranca assim para as singularidades dum Rapariga Louca. Era afinal um caso simples e singular. Mas o meu barbeiro tem-me contado casos igualmente simples e singulares que caem para o chão e são varridos como o pó que os requezes lá deixaram. Ora não dizem «Contos» a ficção que é a habilidade. O contista tem de re-criar (tornar a criar) o facto e sua paisagem. Ou então é um «reporter». E' o facto, que também bem exige sua arte, que é um contista. E se a história é vulgar e charrá, fica mesmo vulgar e charrá. Vasco de Albuquerque, demonstra as suas qualidades de narrador, de contista, em «Destinos» que publicaremos) e em «A Leocadia dos Galos». Dos que nos mandou são os melhores. A prosa é fluente, o descriptivo certo. Claro tem muito a ganhar se ler com rigor uns melhores estilistas... Estes dois contos têm uma espontaneidade que faltou aos outros, que aqui suprimo uma outra falha. Nos outros, que aqui suprimo, era falha, logo a prosa ficava tropeçada, obediência desnecessária, «ou» a mais redundância, etc. O ultimo da colecção, «Lisboa», nem parece do mesmo autor. Não tem a mesma qualidade que se mostra capaz de escrever uma coisa com algum interesse, passa a ter responsabilidades. Isto de escrever exige uma bagagem maior do que aqui tem. Quer dizer: para levantar a mala do chão. E' também o caso de João Maldito. (Um colapso pela espinha...). Tem pulso para levantar a mala do chão. (Estava capaz de fazer dum romance policial...) Mas a mala não se mexe do chão? (Outro arripio pela espinha de leitura...) Enpanamento. Leocadia. Este João Maldito e também dos que têm dado. Quer dizer: cultura, problemas filosóficos e morais, e capacidade evidente para fazer coisas. Ainda irregular? E' certo. Só prova que não fazes dum livro. Agora é de fogueira. Lida, e não prova que não são de carregar pela boca. B. da F.

COMENTÁRIO CULTURAL PAISAGEM ESCONDIDA

O homem tem duas paisagens na sua frente. Uma, desdobra-se aos olhos do corpo — é a vista do mundo dos sentidos. A outra, apresenta-se aos olhos da alma — é a visão do mundo interior. A primeira tem o horizonte limitado. A segunda não tem limites. O mundo interior vê-o a humana criatura quando se volta para o foro íntimo e, em recolhimento, olha-se em si mesma. Peneiramos na zona reservada do alma que é misteriosa para os outros e a consciência de cada um. Ai, mais do que no mundo exterior e visível, vê-se um imenso campo de batalha cheio de fragoras de lutas espantosas, de incógnitos, de gritos de odio, de lamentos de agonias, de ruínas, de angustias sem nome, de torpezas e de abominações. Mas também vemos desertos infinitos onde reina desoladora melancolia. Entre os dois aspectos opostos do mesmo quadro depara-se um caminho — um longo caminho — a perder-se no infinito da luz: é o caminho da vida e do deserto. Há luta entre o Bem e o Mal antes de o alcançar. O vencido fica, ou envolvido no perpétuo turbilhão das paixões desencontradas em melancolia perde-se no deserto. O mundo interior é um mundo de grandes abismos e de grandes rituras. No continuo caminhar da vida calma muitas vezes e muitas vezes nos elevamos. Cruzam-se e entrecruzam-se tremendas forças na pática viagem da vida. Dominam-las para que possam ajudar a subir as culminâncias do Espírito é um estorço glorioso. E' a esforço que impetoso porque o Mal insiste. Infiltra-se, surruteiro, no próprio potencial da alma e, se não estamos de vigília, brota, de súbito, na forma de paixões catastróficas, aniquiladoras do ser. Mal instala-se no mais íntimo e gera a perda do comando próprio. Leva o caos aos sentimentos. E' insidioso e faz ninho. E' o segredo da alma. O encôndido da vida interior. Reprimido pela vontade, o Mal espreita: se descobre ponto fraco invade e destrói. A vigilância perfeita é indispensável, mas não chega por não reprimir os impetuos concentrados das grandes forças negativas, desintegradoras da personalidade que procuram, a todo o custo, inutilizá-la subtração à vida transcendente. O homem, apesar de vigilante, soçobra muitas vezes por não ter o cuidado de desdovar as suas tormentas interiores. Guarda-as para si. O desrebo é uma attude natu-

(Continua na 11.ª pag.)

Portugal em Universidades estrangeiras

UM SONETO DE SÁ DE MIRANDA

É de elemental justiça chamar a atenção de quantos em Portugal se interessam pelos destinos da nossa cultura, para que por ela se está realizando nas Universidades estrangeiras onde é ensinada. Publicam os jornais notícias do modo como foi homenageado Garrett, por exemplo, em Montpellier e Bordões, e leitores portugueses, dessas Universidades cumprindo instruções do Instituto de Alta Cultura, e os professores estrangeiros junto de quem trabalham, mestres lusofila, têm notadamente sabido interessar o centro cultural onde professam pela nossa literatura e por um dos seus grandes nomes. Em Bordões foi o romantico português objecto de uma excelente conferência do Prof. João Colomes, realizando-se na mesma sessão a leitura do drama Frei Luis de Sousa, dividindo os papéis por um grupo de amadores de teatro, alguns de excepcional talento, entre eles figurando a própria M.ª Colomes. De Montpellier li sabemos que, no mesmo ambiente de interesse, fez mesma homenagem Garrett o leitor de Portugal, Coimbra Martinez, reservando o Prof. Aquarone a sua parte para Nice, o centro universitário do Mediterraneo. Mas eis agora uma nova expressão dessa lusofilia, recentemente trazida do nosso conhecimento: a tradução do conhecido soneto de Sá de Miranda (Continua na 11.ª pag.)

REGISTO bibliográfico

«UM HOMEM QUE É DEUS», por António de Azevedo Pires — Com prefácio de D. Manuel Trindade Salgueiro, Arcebispo de Miltiena, o autor publica, em volume de mais de 300 paginas, as suas interessantes palestras na Emissora Nacional, sobre a pessoa de Jesus. É uma obra da melhor apologia, apresentada em termos sugestivos e acalorados, bem apoiada nos Evangelhos, em que a figura e a exalta doutrina de Cristo se apresentam na sua perene actualidade. O autor não esquece o «istante presente», como diz seu eminente prefaciador, e a linguagem que emprega, clara e dinamica, influi no interesse de uma leitura que familiariza o espirito com as duradouras certezas. «PRINCÍPIOS DE DIREITO MARÍTIMO» — Livro de grande utilidade para a gente do foro e para todos os que têm a sua vida ligada à actividade marítima. O autor, dr. Azevedo Matos, explica que quis apenas «trazer uma pequena contribuição para o estudo e interpretação do Direito Marítimo, ramo de direito tão interessante e tão cheio de particularidades. Edição da Alita. «GUINÉ PORTUGUESA» — Nesta monografia de cerca de 400 paginas, o autor, I.ª tenente A. Teixeira da Mota, dá-nos um estudo amplo sobre a nossa Guiné que pode figurar entre os principais do género. Além de uma larga explanação sobre a história e as riquezas daquela bela parte do território português ultramarino, o volume serve ainda para demonstrar a utilidade do trabalho das Missões Geográficas e Hidrográficas do Ultramar. A edição, bastante cuidada, pertence à Agência Geral do Ultramar. «NOTAS SOBRE O ESTADO PORTUGUES DA INDIA» — Neste pequeno volume, a Agência Geral do (Continua na 11.ª pag.)

